



POR UMA FORMAÇÃO E PRÁTICA ANTIRRACISTA: CONSIDERAÇÕES PARA A TERAPIA OCUPACIONAL

PARA LA FORMACIÓN Y LA PRÁCTICA ANTIRRACISTA: CONSIDERACIONES PARA
LA TERAPIA OCUPACIONAL

FOR ANTI-RACIST TRAINING AND PRACTICE: CONSIDERATIONS FOR
OCCUPATIONAL THERAPY

Magno Nunes Farias¹, Jaime Leite Junior², Sulamita Sila Amorim³

RESUMO

Raça se constitui como um determinante histórico, social e político produtor de desigualdade racial. Isto tem limitado a população negra em sua participação social. Este ensaio procura realizar reflexões sobre a emergência de uma formação e prática antirracista na terapia ocupacional, tendo a terapia ocupacional social como referencial teórico-metodológico. Realizou-se primeiramente uma revisão narrativa em que se buscou trabalhos sobre terapia ocupacional e população negra, no intuito de abrir caminhos para o debate. Na revisão identificou-se a incipiência da discussão sobre o tema, o que exige avanços quantitativos e qualitativos, dentro do pequeno universo de publicações e produções vinculadas a terapia ocupacional social se ressaltam. Em termos de formação, apesar das limitações das orientações nacionais e internacionais, há documentos que apontam para a necessidade de pautar as problemáticas de grupos sociais específicos, contudo, ainda se faz importante que essas diretrizes tratem as questões que envolvem a população negra de maneira mais evidente. No que diz respeito à prática, entende-se que há a possibilidade de intervenções terapêutica-ocupacionais serem intencionadas para práxis antirracistas, contribuindo para a justiça e igualdade racial, em que os sujeitos negros tenham reconhecimento e acesso aos seus direitos e se entendam como capazes de realizar movimentos de transformação, na dimensão macro e microssoial. Apesar das limitações é importante reconhecermos a necessidade

- 1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Terapeuta Ocupacional pela Universidade de Brasília (UnB). Integra o Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” do Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO) da UFSCar. ResearcherID: E-6756-2019. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9249-1497>. E-mail: magnonfarias@hotmail.com. Correo postal: Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km 235, CP 676, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil. Número de telefone: +55 61 98102-2288.
- 2 Doutorando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos – PPGTO/UFSCar. Terapeuta Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e com Especialização em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Integra o Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” no Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO) da UFSCar. ResearcherID: AAB-2930-2019. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9595-0786>. E-mail: leitejrjd@gmail.com. Correo postal: Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km 235, CP 676, CEP 13565-905, São Carlos, SP, Brasil. Número de telefone: +55 19 3351-8637.
- 3 Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas – PPGSC/UNICAMP. Terapeuta Ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Antônio Orlando – Campinas, SP. Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas, com Especialização em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Integra o Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Laboratório Saúde Coletiva e Saúde Mental – Interfaces do Departamento de Saúde Coletiva (DSC/FCM) da UNICAMP. ResearcherID: AAB-2950-2019 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0005-129-X>. E-mail: gonzagasulamita@gmail.com. Correo postal: Universidade Federal de São Carlos, R. Ferdinando Panattoni, 090 - Jardim Londres, Campinas - SP, CEP 13060-090, Campinas, SP, Brasil. Número de telefone: +55 19 3258-6098.



de debater esse tema e as potencialidades das nossas ações, para que possamos unir forças para seguirmos na busca de uma práxis técnico-política que para além de não ser racista seja antirracista.

PALAVRAS-CHAVE

Terapia ocupacional; formação; prática profissional; população negra; racismo.

RESUMEN

La raza se constituye como un determinante histórico, social y político que produce desigualdad racial, lo que ha limitado a la población negra en su participación social. Este ensayo busca reflexionar sobre la emergencia en la formación y la práctica antirracista en terapia ocupacional, con la terapia ocupacional social como marco teórico-metodológico. En primer lugar, se realizó una revisión narrativa, buscando literatura en terapia ocupacional y población negra, para abrir el camino al debate. La revisión identificó una incipiente discusión sobre el tema, que requiere avances cuantitativos y cualitativos, dentro del pequeño universo de publicaciones destacan las producciones vinculadas a la terapia ocupacional social. En términos de formación, a pesar de las limitaciones de las pautas nacionales e internacionales, existen documentos que apuntan a la necesidad de abordar los problemas de grupos sociales específicos, es importante que estas pautas aborden de forma más evidente los problemas que involucran la población negra. Con respecto a la práctica, se entiende que existe la posibilidad de que las intervenciones terapéuticas ocupacionales estén destinadas a la praxis antirracista, contribuyendo a la justicia racial y la igualdad, donde los sujetos negros tienen reconocimiento y acceso a sus derechos, y se entienden a sí mismos como capaz de realizar movimientos transformacionales en las dimensiones macro y microsociales. A pesar de las limitaciones, es importante reconocer la necesidad de discutir este tema y el potencial de nuestras acciones para que podamos unir fuerzas para perseguir una praxis técnica y política que no solo no sea racista sino también antirracista.

PALABRAS CLAVES

Terapia ocupacional; formación; práctica profesional; población negra; racismo.

ABSTRACT

Race has been constituted as an historical, social and political determinant which produces racial inequality. This has limited the black population in their participation and social insertion. This essay aims to bring reflections about the emergency of *an anti-racist training and practice* in occupational therapy, being the social occupational therapy the methodological and theoretical reference. First, it was conducted a narrative review searching for works about occupational therapy and black population, to start the debate. It was identified the incipience of the discussion about the theme, which requires qualitative and quantitative advances. In this little universe, the productions of social occupational therapy have a highlight. About the training, despite the limitations of the nationals and internationals guidelines on theme's approach, it is understood that there are official documents addressing the necessity of training that consider specific social groups, but is important for these guidelines to treat the questions involving the black population more evidently. Considering the practice, it is understood that there is a possibility of intervention by means of the occupational therapy, headed to anti-racist praxis, contributing for justice and racial equality, where black people have recognition and access to their rights, with opportunity to acknowledge themselves as able to carry out transformative moments, in the macro and microsociales dimension. Despite the limitations, it is important to recognize the need of debating this theme and the potential of our actions, so as to join forces to continue searching for a technical-political praxis, which besides of not being racist, is anti-racist.

KEYWORDS

Occupational therapy; training; professional practice; black population; racism.

Recibido: 15/10/2019

Aceptado: 02/12/2020

INTRODUÇÃO

*“Numa sociedade racista, não basta não ser racista.
É necessário ser antirracista”.*

ANGELA DAVIS

A categoria sociológica raça⁴ constitui-se como um determinante histórico, social e político que tem produzido a racialização dos sujeitos e, conseqüentemente, a desigualdade racial. Assim, nessa dinâmica de poder a população negra é subalternizada e tem sua participação e inserção social, cidadania e existência ameaçadas (Farias, Leite Jr & Costa, 2018). Isso restringe as possibilidades de atividades cotidianas e a construção do modo de vida de mulheres, homens, jovens, idosos e crianças negras, sendo, então, importante que a terapia ocupacional incorpore essa dimensão das contradições sociais para o exercício de suas ações. O *racismo estrutural* (Almeida, 2018) coloca-se como uma questão importante a ser considerada nos processos de cuidado, pois, através dele, partimos da compreensão de que todo racismo é estrutural e integra a organização social, cultural, econômica e política da sociedade, fornecendo sentido, lógica e tecnologia para a desigualdade e violência, delineando a vida social. Desta forma, as outras classificações (racismo institucional, individual, interpessoal, religioso etc.) colocam-se como modos parciais de compreensão da problemática, que é estrutural.

Nesse sentido, nós, terapeutas ocupacionais, somos convocados a uma práxis - processo de *ação + reflexão* (FREIRE, 1987), que seja emancipatória, em prol da igualdade racial, com a finalidade de elaborar estratégias de enfrentamento dessas problemáticas, abordando questões como a pobreza, política social, cultura, trabalho, acesso a serviços sociais (educação, saúde, assistência social, justiça), entre outras (Farias et al., 2018).

Assim, este ensaio procura realizar reflexões em torno destas problemáticas, tendo os referenciais teóricos e metodológicos da terapia ocupacional social como suporte para a discussão, almejando tornar evidente a

emergência de uma formação e prática antirracista da profissão que visa contribuir para a resolução dos conflitos em torno da questão racial. Contudo, acreditamos que as reflexões aqui colocadas buscam informar todas as abordagens e subáreas da Terapia Ocupacional, tendo em vista que a questão racial perpassa a profissão de modo geral, bem como a vida cotidiana de todas as populações-alvo, independentemente de sua raça. Este trabalho surge a partir das indagações empreendidas no *Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra*⁵.

O percurso realizado na construção de nosso raciocínio integra, primeiramente, a realização de uma revisão narrativa, no intuito de abrir caminhos para os debates que desenrolam, posteriormente, em direção à formação e as possibilidades práticas do fazer terapêutico-ocupacional.

REVISÃO NARRATIVA: O QUE JÁ FOI PRODUZIDO SOBRE O TEMA QUE INFORMA A PROFISSÃO?

Dentro das discussões das relações raciais, temos uma infinita diversidade, todavia, aqui abordamos, como recorte específico, a população negra. Assim, realizamos uma *revisão narrativa*, na tentativa de conhecer as produções científicas sobre terapia ocupacional em interface com esta temática. De acordo com Rother (2007), a *revisão narrativa* é de caráter amplo e livre, sendo apropriada para descrever e discutir acerca do desenvolvimento de uma temática a partir de uma perspectiva teórica ou contextual. São revisões que não estão restritas a fontes específicas, metodologias

4 Compreendemos o conceito de raça a partir de uma perspectiva social, ideológica e política, visto que esta categoria legitima a exclusão e a dominação dentro das relações sociais, principalmente de forma hierárquica em pessoas negras e brancas, marcando um lugar histórico de exclusão do negro (Munanga, 2009).

5 O *Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra* surgiu em outubro de 2016, de maneira independente. O nome é uma homenagem à Dona Ivone Lara, mulher negra, enfermeira, assistente social e especialista em Terapia Ocupacional, que foi uma personagem importante para a profissão a partir dos anos 1940 no Brasil, estando ao lado de Nise da Silveira nas proposições de cuidado aos sujeitos institucionalizados em manicômios. As primeiras proposições do *Grupo de Estudos já foram colocadas no artigo Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial* (Farias, Leite Jr & Costa, 2018).



ou critérios fixos para a seleção de trabalhos, possuindo um enfoque mais qualitativo e realizando uma análise da literatura com base na interpretação crítica dos autores, tratando-se de uma busca livre.

Há importantes produções voltadas para a pesquisa e intervenção junto à população migrante africana no Brasil, constituída principalmente pelo Núcleo Metuia⁶ da Universidade de São Paulo (USP), tendo como principal referencial teórico-metodológico a terapia ocupacional social. São estudos que discorrem sobre ações no âmbito da pesquisa e da prática, que trazem temáticas sobre modos de vida, migração, políticas públicas, infância, gênero, mobilidade, racismo, xenofobia, entre outros tópicos que envolvem a África e africanos/as migrantes no Brasil (Pastore & Sato, 2018; Barros & Galvani, 2016a). Estes trabalhos têm como pioneira a Profa. Dra. Denise Dias Barros, com sua tese sobre os itinerários da loucura em território de Dogon (sociedade da África do Oeste). A tese foi ponto inicial para diversas produções sobre o assunto, como, por exemplo: pesquisa sobre a situação de imigrantes africanos nos albergues de São Paulo (Sato, Barros & Santos, 2007); estudo sobre ações profissionais voltadas para a valorização dos/as africanos/as no Brasil, que contribuem para o fortalecimento da formação de terapeutas ocupacionais atentos às questões raciais (Barros & Galvani, 2016a); pesquisas focadas na compreensão da vida cotidiana de mulheres africanas no Brasil e as possibilidades de ações terapêutica-ocupacionais sociais que envolvem diversidade sociocultural, direitos humanos, mobilidade, gênero e vida econômica na migração (Sato, 2017; Sato & Barros, 2016; Silva, Barros, Pastore, Sato, & Galvani, 2014; Barros & Galvani, 2016b); estudos sobre temas que envolvem o preconceito, o racismo e a desqualificação social da população negra migrante, limitando o acesso a serviços sociais, à participação e inserção social (Feliciano,

Tangerino, Almeida, Galvani, & Barros, 2015; Carmona, Galvani, Almeida, & Barros, 2015); por fim, a pesquisa relacionada com a população quilombola e suas vivências marcadas pela resistência e diversidade (Silva, 2016). Cabe destacar que, aqui, discorremos somente sobre alguns estudos relacionadas a esse campo, tendo em vista que Pastore e Sato (2018) já realizam um levantamento detalhado sobre o *Histórico de Pesquisa em Terapia Ocupacional e Áfricas no Brasil*.

Também destacam-se as produções articuladas ao primeiro autor do presente artigo, atualmente, vinculado ao Núcleo Metuia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), produzindo trabalhos acerca da terapia ocupacional social e as possibilidades de enfrentamento do racismo e da desigualdade racial no Brasil. Os trabalhos focalizam algumas questões, a exemplo: estudos de proposições, colocando os terapeutas ocupacionais como agentes capazes de criar campos de possibilidades, de forma individual e coletiva, em prol da justiça racial e social (Farias, 2017); relatos de experiências de intervenção terapêutico-ocupacional no fomento de debate do racismo na universidade, com o uso de oficinas junto à universitários/as negros/as (Farias & Vicente, 2016; Farias & Vicente, 2017); e, ainda, ensaios de elaborações teórico-práticas calcados na urgência da profissão de pautar os aspectos raciais, que envolvem o povo negro, com o dever técnico e político nesse sentido (Farias et al., 2018; Amorim et al., 2020; Martins e Farias, 2020).

Há outros trabalhos menos localizados em grupos, como o de França, Queiroz e Bezerra (2016), vinculados à Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), a respeito da terapia ocupacional social e as práticas de cuidado em saúde junto aos povos de terreiro. Os autores discorrem sobre a contribuição desses profissionais em prol da implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra no território de vida. A produção de Costa et al. (2018), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), relata a experiência de um projeto que busca o fortalecimento cultural da população negra, dos povos indígenas e quilombolas, sobretudo no que diz respeito à inserção na produção cultural, entendida como potente para iniciativas territoriais contra o racismo e discriminação racial. Além disso, Costa e Santos (2018) têm difundido ações no âmbito da formação profissional, narrando iniciativas de formação de terapeutas ocupacionais que se deslocam do paradigma

6 O Projeto Metuia, atualmente denominado como *Rede Metuia - Terapia Ocupacional Social*, é um grupo de ensino, pesquisa e extensão em terapia ocupacional social formado por diferentes universidades, criado em 1998 por docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade de São Paulo (USP) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Atualmente a Rede é composta pelos núcleos da UFSCar, USP-São Paulo, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Brasília (UnB) e o núcleo interinstitucional é composto pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual de Ciências da Saúde (UNCISAL).

euro-branco-ocidental-cis-heteronormativo, propondo debates mais representativos e sensíveis às populações subalternizadas (incluindo a população negra).

No campo internacional, identificamos alguns estudos. Inicialmente, nos deparamos com os de Beagan e Etowa (2009), que dizem sobre o impacto nas ocupações cotidianas do racismo na vida de mulheres afro-canadenses, fatores que moldam o engajamento e os significados das ocupações das mesmas, alertando sobre a importância da terapia ocupacional atentar-se para o racismo. David (1995) discute sobre a eficácia do trabalho de terapeutas ocupacionais em equipes voltadas para a deficiência física em serviços para pessoas negras. Além disso, o trabalho de McCormack (1987) coloca em cena os déficits de acesso a serviços de saúde para a população não-branca, forjando o debate acerca do reconhecimento cultural das minorias raciais (entre elas a negra). E, por fim, o estudo de Daniel (2009), que aborda a jornada acadêmica de professoras de terapia ocupacional afro-americanas, apresentando os desafios e experiências dessas mulheres em instituições predominantemente brancas.

Ademais, no âmbito internacional, vale destacarmos produções apresentadas no Congresso da Federação Mundial de Terapia Ocupacional (World Federation of Occupational Therapists - WFOT), que aconteceu em 2018 na Cidade do Cabo, África do Sul. O tema do evento foi *Conectados na diversidade: posicionados pelo impacto* (do original *Connected in Diversity: Positioned for Impact*). De acordo com Monzeli, Pan, Pastore, Marcolino e Malfitano (2018), o tema do congresso dialogou tanto com a história da África do Sul - circunscrita pelo *Apartheid*, pela colonização, guerra e desigualdade étnica e social que marca o país -, quanto com os desafios contemporâneos da terapia ocupacional, sendo debates centrais a diversidade e a descolonização. Todavia, de forma paradoxal, a temática relacionada à população negra e às violências históricas e contemporâneas que a cercam não aparecem de forma evidente no evento, pois identificamos apenas dois trabalhos sobre o tema. Um de origem brasileira, discorreu acerca do empoderamento negro enquanto recurso importante para a terapia ocupacional (Nunes et al., 2018) e outro trabalho de origem norte-americana, discutiu sobre as contribuições de faculdades e universidades historicamente negras para a educação em terapia ocupacional, pontuando os desafios de inserção de estudantes negros na profissão (Banks & Franklin, 2018).

Concluimos que no panorama da *revisão narrativa* há um destaque das produções vinculadas à terapia ocupacional social, a qual mostra-se como campo fecundo para o debate, visto que nos traz subsídios para intervir e pensar problemáticas sociais que necessitam de um diálogo macro e micros social, subvertendo uma perspectiva clínico-individual. Todavia, nos chama atenção à escassez de estudos voltados à saúde da população negra, tendo em vista que saúde é uma área hegemônica na profissão. Outro ponto importante é o destaque de pesquisas com interface com a África e população africana imigrante, cujos dados são relevantes para fortalecer o debate, pautados, majoritariamente, no processo de migração. Desta forma, fazem-se necessários estudos mais focalizados na realidade histórica e conjuntural dos diferentes países, tendo em vista os fenômenos, práticas e produções de conhecimento mais atrelados aos aspectos que cercam a negritude nacional, bem como os aspectos de expressão cultural afro-brasileira, que devido ao processo diaspórico, distinguem-se de percursos que envolvem os negros imigrantes.

Além disso, a incipiência das pesquisas e intervenções dentro do panorama geral da profissão fica evidente ao apresentarmos que os textos expostos aqui, em sua maioria, são resumos presentes em Anais de eventos, havendo pouca visibilidade da temática em periódicos da Terapia Ocupacional. Isso aponta a necessidade de maiores aprofundamentos e qualificação dos debates que envolvem a população negra em nível mundial. Sendo assim, ainda é um desafio a consolidação de um campo de estudos da terapia ocupacional relacionado à população negra.

É importante colocar que o método da *Revisão Narrativa* traz limitações na análise, portanto, apontamos a importância de outros estudos que proponham-se a realizar uma investigação de maneira sistematizada, trazendo um panorama mais consistente sobre este campo de estudos e atuação.



TRAMAS DA FORMAÇÃO E EMERGÊNCIA DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Interrogando os parâmetros de formação

A terapia ocupacional consolida-se enquanto profissão que dispõe de estratégias para estimular, desenvolver e potencializar “a participação social de pessoas, grupos sociais e comunidades que experimentam impedimentos ou se confrontam com obstáculos para realizar atividades significativas para si e para seu meio social” (Almeida, Soares, Barros & Galvani, 2015, p.08). Nesse sentido, está implicada nas dinâmicas complexas dos diferentes modos de vida e de atividades cotidianas dos sujeitos em vulnerabilidade (Leite Jr & Lopes, 2017). Desta maneira, entendemos ser de extrema necessidade e importância o sincronismo entre ensino, pesquisa e prática profissional. Então, nos debruçamos sobre um breve panorama da formação profissional.

A formação de terapeutas ocupacionais na América do Norte voltou-se hegemonicamente para a assistência de pessoas com transtornos mentais e práticas de reabilitação física. Na América Latina, a partir da década de 1950, chegam os cursos, sendo que naquele momento o objetivo também era formar recursos humanos voltados para atuar com as problemáticas que envolviam processos de reabilitação física. No Brasil, chega em 1956, na Escola De Reabilitação do Rio de Janeiro; no México, em 1957, no Hospital Infantil do México; em 1959, na Argentina (na Escola Nacional de Terapia Ocupacional) e na Venezuela (na Escola Nacional de Reabilitação); no Chile, em 1963, na Universidade do Chile; e, por fim, na Colômbia, em 1966, na Universidade Nacional da Colômbia (Soares, 1991; Reis, 2017; Monzeli, Morrison & Lopes, 2019). Compreendemos que as formações eram calcadas em um paradigma mecanicista (Kielhofner, 2009), oferecendo uma formação ancorada nos preceitos biomédicos e positivistas, não tendo como foco as problemáticas sociais e coletivas. Essa hegemonia da profissão trouxe gargalos históricos no âmbito de uma formação crítica, entre eles os relacionados à problemática que colocamos em tela.

Aprofundando no panorama brasileiro, um grupo de terapeutas ocupacionais propuseram um movimento contra-hegemônico, na tentativa de recolocar a formação em terapia ocupacional. Lopes (2016) retrata o

avanço da profissão, colocando a importância dos anos 1970 para se repensar suas bases teóricas, os currículos para os novos cursos e também a incorporação, por parte dos profissionais, de referenciais que auxiliassem nas reflexões sociopolíticas e econômicas, criticando as abordagens individualizadas, pautadas na lógica biomédica e no seu papel de adaptador social. Forjou-se, então, um campo para os profissionais começarem a participar das construções coletivas, dos espaços públicos, e, com isso, terapeutas ocupacionais debruçaram-se sobre os conceitos de *cidadania* e *políticas públicas*, envolvendo-se em lutas que buscavam o alargamento dos direitos sociais dos cidadãos que eram suas populações-alvo. Na década de 1990 estavam em outro momento, no qual a formação já se construía a partir de uma nova perspectiva, isto é, mais coletiva e atenta às problemáticas sociais. Porém, entendemos que mesmo com uma formação mais crítica e ampliada, com abertura para as questões coletivas, os debates em torno da população negra ainda não tiveram espaço.

De lá para cá a profissão caminhou e, atualmente, contamos com alguns documentos que orientam as formações profissionais a pensarem as questões culturais, as vulnerabilidades de grupos populacionais e a diferença, o que embasa e reforça a pertinência e importância da discussão sobre o racismo e as demandas da população negra no Brasil e no mundo. A exemplo disto, a WFOT, em 2016, revisou as diretrizes mínimas para a formação de terapeutas ocupacionais. Neste documento, algumas das características marcantes são: a incorporação dos direitos humanos, fortemente em diálogo com o Organização Mundial da Saúde (OMS), e o debruçar-se nas riquezas sociais em um sentido global, enfatizando que esta riqueza possibilita o reconhecimento das diferentes formas de identificar as evidências. Outro ponto de destaque é a defesa de uma ampliação da ideia de educação, não apenas centrada nas habilidades técnicas, clínica e profissional, mas também nas habilidades sociais, entendidas como essenciais para o progresso do conhecimento no século XXI (World Federation Of Occupational Therapists, 2018). Nestas diretrizes, ainda que de forma tímida, citado como exemplo geral entre vários outros, o racismo e o *racismo institucional* aparecem como aspectos que afetam a participação social das pessoas em suas atividades cotidianas.

Estas recomendações impactam diretamente na formação e na construção de práticas no Brasil, visto que o país é membro associado da WFOT, o que demanda uma

convergência de suas proposições com as orientadas pelo órgão mundial em questão. Em uma retomada histórica, cabe lembrar, como apontou Hahn e Lopes (2003), que o Brasil efetivou sua filiação à WFOT em 1994, apesar de desde a década de 1970 ter sido membro associado pela Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais (ABRATO).

Em 2002, foram publicadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e, naquele momento, já se propunha uma formação crítica, que se voltasse para as complexidades sociais, e que as intervenções considerassem as problemáticas sociais que acometem os públicos-alvo das nossas ações técnicas, além de terem como foco a emancipação social. Todavia, são ausentes, no documento, quaisquer aspectos referentes às relações raciais, étnicas e/ou população negra/igualdade racial.

O que percebemos é que ainda que tenhamos documentos oficiais que nos sinalizam à necessidade de formação que pautem as problemáticas de grupos sociais específicos, é necessário que estes tratem as temáticas que envolvem a população negra de maneira mais evidente, evitando generalizações. Ao nos debruçarmos na revisão apresentada anteriormente e sobre os documentos que orientam a formação mundial de terapeutas ocupacionais, fica evidente que pouco avançamos nas proposições teórico-práticas para dar conta das problemáticas raciais específicas da população negra. A partir disso, compreender o impacto e as armadilhas do racismo estrutural (Almeida, 2018) nas tramas da formação profissional é essencial para que possamos repensar nossos documentos orientadores e avançarmos na construção de uma educação profissional emancipatória e que mire a justiça social.

Pensando sobre as possibilidades de práticas antirracistas

De forma a complementar as proposições, visualizamos, também, a necessidade de emergência de práticas profissionais antirracistas e sua importância na construção da igualdade racial. Para tanto, é preciso que miremos na emancipação e autonomia dos indivíduos, considerando as diferentes problemáticas que dificultam a inserção social (Malfitano & Bianchi, 2013). Os profissionais, a partir de suas competências, poderão intervir nas barreiras e dificuldades de acesso à participação social, geradas pela estrutura social racialmente desigual.

Entretanto, isto só é possível a partir da construção de uma prática profissional que evidencie os impactos da desigualdade racial e do racismo no cotidiano e trajetórias dos sujeitos negros e não-negros. A prática antirracista não limita-se a intervenções com pessoas negras, mas com todas as populações-alvo, pois a racialização da vida e a produção da desigualdade racial perpassa a vida cotidiana de todos os agentes, sejam aqueles que sofrem as violências, sejam aqueles que praticam e/ou legitimam a violência, ou aqueles que assistem.

A partir disso, os postulados da terapia ocupacional social possibilitam a criação de campos de possibilidades para o fortalecimento dos sujeitos, suas subjetividades e na articulação das limitações institucionais que os cercam. Ou seja, busca-se promover ações que englobem aspectos macrosociais (pensando aspectos institucionais, sociais, políticos e culturais que limitam a participação e reconhecimento dos sujeitos negros) e microsociais (pensando questões subjetivas e de identificações dos sujeitos, de que modo o racismo perpassa a sua história de vida, seus projetos, suas relações comunitárias e familiares), de forma articulada, visto que o processo de emancipação deve levar em conta essas duas dimensões (Malfitano, 2016).

Galheigo (2016) e Lopes (2016) descrevem a constituição histórica da terapia ocupacional social, que, sob forte influência da Rede Metuía – Terapia Ocupacional Social, tem a subárea institucionalizada no final da década de 1990. A partir de então, além de promover um desenlace com a saúde (e com isso, a mediação entre saúde e doença), buscava-se por um arcabouço teórico-prático que reunisse tecnologias, objetivos e ferramentas que possibilitassem intervenções concretas para além do debate teórico. Nesse trilhar, diversos teóricos foram extremamente importantes, como, por exemplo, Gramsci, Basaglia e Paulo Freire.

A partir desse percurso e do acúmulo de experiências, foram sistematizadas algumas *tecnologias sociais*⁷, pensadas para que as ações possam articular-se micro/macrossocialmente (Lopes, Malfitano, Silva, & Borba, 2014), pautadas na alteridade, conscientização e

7 A tecnologias sociais são “compreendidas como produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem alternativas para a transformação social” (Lopes et al., 2014, p.591).



emancipação. São elas: *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos; Acompanhamentos Singulares e Territoriais; Articulação de Recursos no Campo Social; e a Dinamização da Rede de Atenção*. Assim, de maneira exemplar, pensamos em práticas antirracistas, colocando-as em ação.

As *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos* (Lopes et al., 2014) são estratégias que buscam utilizar as atividades (compreendidas como um momento que produz dinâmicas e projetos) como fonte potente de formação e transformação, tendo em vista que este instrumento se dá na dimensão sociopolítica e cultural do cotidiano, “favorecendo a autovalorização de sujeitos e possibilitando a produção de vida com sentidos, com vistas à emancipação pessoal e social” (Lopes, 2016, p.45). Então, as *Oficinas* colocam-se como uma ferramenta, não com o fim em si mesma, mas em busca de gerar sentidos e construção de novas realidades subjetivas e sociais.

Para o fortalecimento e reconhecimento da população negra, as ações terapêuticas-ocupacionais, no uso das *Oficinas*, poderão contemplar propostas envolvendo a corporeidade e aquisição de novos olhares sobre o corpo negro, trazendo as atividades (juntamente com as dinâmicas e projetos que as envolvem) como veículos potentes para desenvolver a criação de diferentes formas de ser e estar no mundo.

As estratégias podem possibilitar trazer à cena a participação da população negra na constituição da história do país, contribuindo, assim, para a construção de novas narrativas e representações sociais da pessoa negra, a qual comumente é retratada de forma negativa. Nogueira (1998) destaca os impactos dos estereótipos que territorializam o negro na periferia e na subcultura, associando-o a valores negativos e fora da moral estabelecida, como a violência e a sensualidade exacerbada. No que tange a isso, é fundamental trazer para a discussão a noção de ideal de branquitude, em que o imaginário social atribuiu ao branco valores sociais de superioridade, da cultura, da racionalidade e da beleza. A branquitude, portanto, constituiu-se como ideal para todos os sujeitos da sociedade, incluindo os sujeitos negros, repercutindo em suas subjetividades e fazendo com que estes buscassem, em seu cotidiano, reiterações que os aproximassem dos indivíduos brancos, assim como de suas formas de viver (Fanon, 2008; Nogueira, 1998).

As intervenções devem estar atentas às desigualdades raciais em suas diferentes formas e aos efeitos individuais e coletivos do racismo. É indispensável construir as *Oficinas* enquanto dispositivos de emancipação, alimentados pela dimensão sociopolítica, cultural e afetiva de pessoas, de grupos e de comunidades, colocando a atenção para a questão racial e afirmando o antirracismo como compromisso.

Essas *Oficinas* devem ser construídas de forma que tenham sentido para o sujeito alvo, direcionadas para dois aspectos: favorecendo o empoderamento da população negra, em movimentos de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento, entendidos como o fortalecimento de indivíduos e grupos (Berth, 2018); e conscientizando a população negra e não-negra sobre o racismo e suas formas de (re)produção. Portanto, devemos dialogar com os diferentes aspectos culturais, ancestrais, artísticos, científicos, epistêmicos e educacionais da cultura africana e diaspórica, além de propor questões relacionadas aos movimentos de resistência negro, em que o negro é colocado como sujeito de ação e valores positivos (Munanga, 2012).

Nesses percursos de ação, a tecnologia *Acompanhamento Singular e Territorial* (Lopes et al., 2014) é importante, se consolidando como “uma estratégia de intervenção que possibilita uma percepção e interação mais real do cotidiano e contexto de vida dos indivíduos, interconectando suas histórias e percursos, sua situação atual e sua rede de relações” (Lopes et al., 2014, p. 597). Essa ação possibilita a aproximação entre terapeuta ocupacional e sujeitos. Ao nos colocarmos de maneira mais próxima, temos a possibilidade de entender as correlações multidimensionais que perpassam o indivíduo.

É possível, utilizando-se desta tecnologia, entender como a questão racial é estruturada e perpassa as vidas singulares, em suas dimensões sociais e comunitárias, entendendo de que forma isso marca a construção subjetiva e quais as estratégias de enfrentamento para o mesmo, visando apreender e mapear suas redes de suporte e suas circulações pelos territórios. Essas ações podem favorecer o rompimento de um *status quo* que estrutura o racismo e a desigualdade racial, focando no reconhecimento dessa problemática pelos sujeitos-alvo.

Para tais enfrentamentos, devemos, também, construir a *Articulação de Recursos no Campo Social* (Lopes et al.,

2014), buscando articular ações capazes de desestabilizar a estrutura macrossocial racista e (re)produtora de desigualdade e construir uma rede colaborativa e solidária que favoreça a criação de estratégias que objetivem a emancipação e participação social das pessoas. A partir disso, lançamos mão de diferentes recursos (financeiros, materiais, relacionais e afetivos), para consolidarmos a intervenção de forma mais ampla.

Aqui, cabe pensarmos, a exemplo, construções que se farão em diálogo estreito com o Movimento e Coletivos Negros. Articulações que tencionem os serviços e órgãos públicos e privados para subsidiar novas possibilidades e experiências cotidianas a partir da construção de novos projetos e construção de espaços de debates que pautem as privações de participação social ocasionadas pelo racismo, como o acesso e permanência na escola, aos serviços de saúde, moradia etc., além de favorecer espaços de expressão cultural, entre outros. Assim, o terapeuta ocupacional busca ser agente articulador de recursos, tendo em vista que a desigualdade racial é “perpetuada pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente” (Souza, 1983, p. 98).

Por fim, ao pensarmos sobre a *Dinamização da Rede de Atenção*, entendemos que esta ação propõe-se a sistematizar, divulgar e fortalecer os programas, projetos e ações que voltem-se para algum grupo populacional (Lopes et al., 2014). Então, ao integrarmos essas iniciativas, articulando as ações que existem e que buscam romper com a desigualdade racial, com o direcionamento das estratégias, estaremos alargando as possibilidades de existência e experimentação dos sujeitos. Também, advogaremos pela cidadania, considerando aspectos de raça para a sua consolidação efetiva. Por exemplo, podem-se criar pontes entre os programas da educação, saúde e assistência, fortalecendo uma rede focalizada para a população negra, promovendo ações intersectoriais direcionadas para as complexidades do racismo estrutural a partir de diferentes olhares e perspectivas, salientando as diversas pastas políticas e construindo diálogo entre elas. Isso cria uma responsabilização e fortalece o trabalho em rede, visto que favorece a compreensão de que o enfrentamento do racismo é uma tarefa de todos, independentemente do setor.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTE CAMINHAR

Buscamos, ao longo desta escrita, apresentar os diferentes textos que as terapias ocupacionais vêm produzindo para pensar teorias e práticas que, em nosso entendimento, propõem-se a compor o enfrentamento ao racismo estrutural, que marca o cotidiano das pessoas. Além disso, dialogamos com as interfaces da formação e da prática profissional, as quais visualizamos como essenciais para pensarmos a transformação dentro e a partir da profissão.

Para isto, nos embasamos nos pressupostos da terapia ocupacional social, destacando este referencial teórico-metodológico que, na sua constituição, enveredou pela busca de teorias críticas e comprometidas com a emancipação e participação social, olhando para as vulnerabilidades e desigualdades sociais, convocando-nos para a tarefa de pensarmos respostas que promovam justiça em um mundo marcado pela desigualdade.

Parte disso é enxergar, no terapeuta ocupacional, a função de articulador social, possibilitando que os sujeitos conheçam seus direitos e entendam-se como capazes de realizar movimentos de transformação. Em outras palavras, trata-se de ser facilitador para a circulação em espaços de arte, cultura, lazer, saúde, educação, conhecimento e acesso às estratégias de denúncia, enfrentamento da desigualdade racial e do racismo, em prol da garantia de direitos.

De forma geral, percebemos que os debates, pesquisas e ações da terapia ocupacional junto à população negra ainda mostram-se incipientes. Entretanto, é importante que valorizemos o quanto conseguimos caminhar até aqui, para que possamos unir forças para seguirmos em busca de uma práxis técnico-política que, para além de não ser racista, seja antirracista.

“[...] refletir sobre a questão do negro não é algo particular que só deve interessar às pessoas que pertencem a esse grupo étnico-racial ou aos militantes do Movimento Negro. É uma questão da sociedade brasileira e também da humanidade”

(Munanga & Gomes, 2016, p. 178, grifos nossos).



Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Agradecimentos: Agradecemos todas as demais integrantes do Grupo Dona Ivone Lara - Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra, que são essenciais para o caminhar deste projeto coletivo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. C., Soares, C.R.S., Barros, D.D., & Galvani, D. (2015). Terapia Ocupacional Social: notas acerca das ações na Assistência Social e para o desenvolvimento comunitário. E: J.N.M. Chagas, D.D. Barros, M.C. Almeida, & S.L. Costa (Ed.), *Terapia Ocupacional na Assistência Social (SUAS)* (p.8-11). Rio de Janeiro, RJ CREFITO2.
- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento.
- Amorim, S. G., Martins, S., Leite Junior, J. D. & Farias, M. N. (2020). "Asfixias sociais" da população negra e questões para a terapia ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(5), 719-733. doi:10.47222/2526-3544.rbto36144
- Banks, F., & Franklin, M. (maio - 2018). The Unique Contributions of Historically Black Colleges and Universities (HBCUS) in Occupational Therapy Education. Em: *Congress WFOT 2018*, África do Sul. Recuperado de <https://congress2018.wfot.org/downloads/abstracts/GP401/The%20Unique%20Contributions%20of%20Historically%20Black%20.pdf>.
- Barros, D. D., & Galvani, D. (2016a). Terapia Ocupacional: Social, cultural? Diversa e múltipla! En: R.E. Lopes, & A.P.S. Malfitano (Ed.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (p. 83-116). São Carlos: EdUFSCar.
- Barros, D. D., & Galvani, D. (novembro - 2016b). Círculos de cultura: aproximações com artistas e intelectuais africanos no Brasil. En: *Anais XV Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional e IV Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional*. Evento dirigido por Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES - Brasil.
- Beagan, B. L., & Etowa, J. (2009). The Impact of Everyday Racism on the Occupations of African Canadian Women. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 76(4), 285-293. doi:10.1177/000841740907600407
- Berth, J. (2018). *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento.
- Carmona, B. N., Galvani, D., Almeida, M. C., & Barros, D. D. (dezembro - 2015). Imigração e acesso a direitos: relato de experiência sobre serviços públicos de saúde e pessoas oriundas do continente africano. En: *Anais da XII Jornada acadêmica de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*. Dirigido pela Universidade de São Paulo, São Paulo - Brasil.
- Costa, M. C., Santos, A.C., Pereira, C.R., Santos, G.B., Oliveira, S.P.A.S., & Dios, D.A. (2018). Identidades abertas: cartografando experiências de fruição e produção cultural no circuito histórico e arqueológico da herança africana. En: *XII Congresso Norte-Nordeste de Terapia Ocupacional*. Aracajú/SE - Brasil.
- Costa, M. C., & Santos, A.C. (2018). Perspectivas decoloniais na construção de identidades múltiplas em terapia ocupacional brasileira. En: *XII Congresso Norte-Nordeste de Terapia Ocupacional*. Aracajú/SE - Brasil.
- Daniel, J. (2009). African-American Women's Journey to Academia and their Experiences as Occupational Therapy Professors. *McNair Scholars Research Journal*, 2 (0), 1-18.
- David, P. A. (1995). Service Provision to Black People: A Study of Occupational Therapy Staff in Physical Disability Teams within Social Services. *British Journal of Occupational Therapy*, 58(3), 98-102. doi: 10.1177/030802269505800302
- Fanon, F. (2008). *Peles pretas, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA.
- Farias M. N., Leite Junior J.D., & Costa I. R. B. B. (2018). Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 2(1), 228-243.
- Farias, M. N. (2017). Possibilidades de atuação da terapia ocupacional social junto a população negra: reflexões iniciais. En: *Anais do I Seminário de Africanidades*. Dirigido pela Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão, Catalão/GO - Brasil.
- Farias, M. N., & Vicente, H. A. (2016). Contribuições intersetoriais da terapia ocupacional e psicologia: discutindo racismo na universidade. En: *Anais do XV Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional e IV Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional*. Evento dirigido por Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES - Brasil.
- Farias, M. N., & Vicente, H. A. (2017). Discutindo racismo na universidade: olhares da terapia ocupacional e psicologia. En: *Anais da XIX Semana de Estudos em Terapia Ocupacional da UFSCar*. Evento dirigido pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/ SP - Brasil.
- Feliciano, G., Tangerino, T. D., Almeida, M. C., Galvani, D., & Barros, D. D. (2015). Acesso à educação em nível superior: conhecendo a experiência de imigrantes oriundos do continente africano em São Paulo. En: *Anais da XII Jornada acadêmica de terapia ocupacional da Universidade de São Paulo*. Dirigido pela Universidade de São Paulo, São Paulo - Brasil.
- França, M. M. L., Queiroz, S.B., & Bezerra, W.C. (2016). Saúde dos povos de terreiro, práticas de cuidado e terapia ocupacional: um diálogo possível? *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 24 (1), 105-116. doi: 10.4322/0104-4931.ctoAO0583
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galheigo, S. M. (2016). Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e prática. En: R.E.

- Lopes, & A.P.S. Malfitano (Ed.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (p. 49-68). São Carlos: EdUFSCar.
- Hahn, M.S., & Lopes, R.E. (2003). Diretrizes para a formação de terapeutas ocupacionais - percursos e perspectivas. *Pro-posições*, 14 (1), 121-139.
- Kielhofner, G. (2009). *Conceptual Foundations of Occupational Therapy*. Filadélfia, F. A. Davis.
- Leite Jr, J. D., & Lopes, R. E. (2017). Travestilidade, transexualidade e demandas para a formação de terapeutas ocupacionais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 25 (3), 481-496. doi: 10.4322/2526-8910.ctoAO1060.
- Lopes, R. E. (2016). Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. En R.E. Lopes, & A.P.S. Malfitano (Ed.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (p. 29-48). São Carlos: EdUFSCar.
- Lopes, R. E., Malfitano, A. P. S., Silva, C. R., & Borba, P. L. O. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 22 (3), 591-602. doi: 10.4322/cto.2014.081
- Malfitano, A. P. S., & Bianchi, P. C. (2013). Terapia ocupacional e atuação em contextos de vulnerabilidade social: distinções e proximidades entre a área social e o campo de atenção básica em saúde. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21 (3), 563-574. doi: 10.4322/cto.2013.058
- Malfitano, A. P. S. (2016). Contexto social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional. En: R.E. Lopes, & A.P.S. Malfitano (Ed.), *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (p. 117-133). São Carlos: EdUFSCar.
- Martins, S. & Farias, M. N. (2020). Práticas de terapia ocupacional e contexto sociocultural: caso de uma menina negra. En: L. C. C. Gradim, T. N. Finarde & D. C. M. Carrizo (Ed.), *Práticas em terapia ocupacional* (pp. 32 - 37). Barueri: Manole.
- McCormack, G. L. (1987). Culture and Communication in the Treatment Planning for Occupational Therapy with Minority Patients. *Occupational Therapy in Health Care*, 4 (1), 17-36. doi: 10.1080/J003v04n01_03
- Monzeli, G. A., Pan, L. C., Pastore, M. D. N., Marcolino, T. Q., & Malfitano, A. P. S. (2018). Perspectivas e tendências da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais: um olhar sobre o Congresso Mundial 2018 - Cidade do Cabo, África do Sul. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26 (3), 511-512. doi: 10.4322/2526-8910.ctoED2603
- Monzeli, G. A., Morrison, R., & Lopes, R. E. (2019). Histórias da terapia ocupacional na América Latina: a primeira década de criação dos programas de formação profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27 (2), 235-250. doi:10.4322/2526-8910.ctoao1631.
- Munanga, K. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, 4 (8), 6-14.
- Munanga, K. (2009). *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Munanga, K., & Gomes, N. L. (2016). *O negro no Brasil de hoje*. 2 ed. São Paulo: Global.
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro* (Tese de Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nunes, A., Okoudowa, A., Santos, D., Sousa, G., Silva, G., Fonseca, I., Batista, M., Santos, P., Batista, S., & Oliveira, C. (2018). Black Empowerment: perspectives of a group of Brazilian Occupational Therapy students. En: *Congress WFOT 2018*, África do Sul. Recuperado de <https://congress2018.wfot.org/downloads/abstracts/GP401/Black%20Empowerment.pdf>
- Pastore, M. D. N., & Sato, M. T. (2018). Pelos caminhos da diversidade sociocultural: diálogos entre Terapia Ocupacional, África e Etnografia. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26 (4), 952-959. doi:10.4322/2526-8910.ctoARFI240
- Reis, S. C. C. A. G. (2017). *Histórias da institucionalização acadêmica da terapia ocupacional no Brasil: de meados da década de 1950 a 1983* (Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - São Paulo.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta paul. enferm.*, 20(2), 5-6. doi: 10.1590/S0103-21002007000200001
- Sato, M. T. (2017). *Vida cultural, econômica e cotidiano de mulheres africanas em São Paulo: Contribuições para a terapia ocupacional* (Dissertação de Mestrado em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - São Paulo.
- Sato, M. T., & Barros, D. (2016). Cultura, mobilidade e direitos humanos: reflexões sobre terapia ocupacional social no contexto da política municipal para população migrante. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 24 (1), 91-103. doi: 10.4322/0104-4931.ctoAO0756
- Sato, M., Barros, D. D., & Santos, A. S. A. (2007). Da África para albergues públicos: africanos na Casa do Migrante em São Paulo. *Estudos Afro-Asiáticos*, 29,1-3, 29-62.
- Silva, V. P. (2016). Resistência e diversidade: narrativas culturais de uma comunidade quilombola. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 24 (1), 69-76. doi: 10.4322/0104-4931.ctoAO0653
- Silva, V.P., Barros, D. D., Pastore, M., Sato, M., & Galvani, D. (outubro - 2014). Migração africana: diversidade e mobilidade como desafios contemporâneos para a terapia ocupacional social. En: *Anais do III Simpósio nacional de pesquisas em terapia ocupacional*. João Pessoa - Brasil.
- Soares, L. B. T. (1991). *Terapia ocupacional: lógica do capital ou do trabalho? Retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980*. São Paulo: Hucitec.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edição Graal.
- World Federation of Occupational Therapists (WFOT) (2016). *Normas mínimas para la educación de terapeutas ocupacionales - Revisión 2016*. 2018. 102 p.

